

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 107

Data: 25.08.85

Pg.: _____



Depois de cruzar um Igarapé em pequenos barcos de madeira, civis e militares se ajudam na difícil caminhada pela selva amazônica

Expedição vence a Amazônia e hasteia bandeira do Brasil no Pico da Neblina

NORBERTO BORNEO

Enviado Especial

MANAUS — Após dez dias de resignada aventura em plena selva amazônica, onde as dificuldades variaram da falta de água a temperatura negativa, 18 homens do Exército, oito jornalistas e um botânico conseguiram cumprir a façanha de atingir o Pico da Neblina, o mais alto do País, na fronteira com a Venezuela. Foram caminhadas na floresta, igarapés navegados, perigosos resgastes de helicóptero, num tortuoso caminho onde o plano inicial foi totalmente modificado por causa das condições adversas. Sempre improvisando e muitas vezes ultrapassando o limite de resistência física e psicológica de militares e civis, a expedição atingiu o pico na última terça-feira.

A missão envolveu mais de 50 pessoas, mas muitos ficaram no cami-

nho para desenvolver atividades de apoio. No final, sob uma temperatura de três graus, ventos de até 100 quilômetros horários e chuva permanente, fatores que proporcionaram sensação térmica de seis graus negativos, os privilegiados puderam contemplar da solidão do pico o panorama mais belo que a imensidão amazônica reserva. Para os militares, o orgulho de hastear no ponto culminante a Bandeira Nacional, uma homenagem ao Dia do Soldado. Para os civis, o júbilo de completar uma tarefa que em muitos momentos julgaram impossível.

Além da conquista do pico, a expedição proporcionou importante contato com os índios Ianomami de Maturaca — missão salesiana na margem direita do Rio Negro — que pela primeira vez viram “homens-pássaro” pousarem de pára-quedas em sua aldeia. Enquanto a caminhada prosseguia, médicos do Hospital

Central do Exército e da Universidade de São Paulo realizaram pesquisas entre os indígenas, mais uma vez ameaçados pela ação predatória do garimpo de ouro. A missão foi planejada e executada por homens do 1º Batalhão de Forças Especiais da Brigada Pára-quedista do Rio, tropa de elite do Exército, e teve apoio da Força Aérea Brasileira.

O ponto culminante — 3.014 metros, segundo a comissão mista demarcadora de limites, que em 1965 traçou a linha da fronteira e concluiu que o pico era brasileiro — não foi efetivamente atingido; faltaram cerca de 150 metros, trecho que muitos dizem que jamais foi alcançado nem será. Mas o grupo não se sentiu diminuído com isso; ao contrário, todos se julgaram conquistadores e esse derradeiro pedaço de rocha foi encarado, talvez, com o mesmo respeito que lhe dedicam os Ianomami. Para eles, é um deus intocável, porém, que lá habita.